

O construtivismo no telejornalismo e a realidade expandida: mudanças nas rotinas de edição e produção de sentidos nas notícias

ÁGUEDA MIRANDA CABRAL¹
ALFREDO VIZEU²

Resumo: Este artigo apresenta um estudo do ser e do fazer jornalístico no processo de construção social da realidade considerando os mundos do jornalismo: o real, o de referência e o possível. Uma série de práticas, procedimentos e discursos envolvidos no trabalho dos jornalistas a partir da cultura profissional, a organização dos processos produtivos, os códigos particulares, as regras de redação e de linguagem que busca interpretar a realidade social influencia nessa construção. Propomos o conceito de Realidade Expandida, com base no construtivismo do Jornalismo, em que os editores produzem e adicionam sentidos nas notícias, previamente orientados por uma intenção de atingir os espectadores. Dizemos produção de sentidos porque nos referimos ao que os editores pretendem produzir; e é construção porque nos referimos a uma dada realidade que é construída para aumentar o grau de compreensão dos telespectadores.

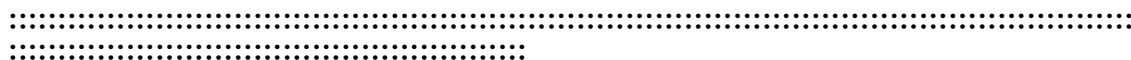
Palavras-chave: Telejornalismo; Construtivismo; Rotinas; Edição Digital; Realidade Expandida.

1. O construtivismo no Jornalismo

O Jornalismo contribui para a construção social da realidade e não é um espelho do real. Ou seja, o Jornalismo não reproduz o real, é uma interpretação social dele que procura se aproximar da verdade dos fatos. Hoje essa tendência teórica ganha cada vez mais espaço na academia. No entanto, a teoria do espelho ainda está bem presente nas

¹ Professora do Departamento de Comunicação Social da Universidade Estadual da Paraíba. Doutora em Comunicação pelo PPGCOM da UFPE. E-mail: aguedacabral@gmail.com.

² Professor do Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal de Pernambuco (PPGCOM da UFPE) e Coordenador do Grupo de Pesquisa Jornalismo e Contemporaneidade (<http://www.ufpe.br/jornalismo>). E-mail: a.vizeu@yahoo.com.br.



redações de todo o País. Ou seja, a ideia de que o Jornalismo reproduz a realidade. Tal afirmação não resistiria a uma análise simples. No processo de produção da notícia estabelecemos uma série de recortes e enquadramentos que vão refratando a realidade (BAKTHIN, 2006). O que busca o Jornalismo é se aproximar, por meio do método de investigação, da verdade dos fatos.

No entanto, o construtivismo é usado de uma forma tão generalizada no Jornalismo que fica difícil saber de qual estamos falando quando tratamos do campo jornalístico. Como lembra Meditsch (2010), o Jornalismo contribui para construção social da realidade e essa não é uma ação isolada do campo da produção, mas uma relação intersubjetiva entre o campo da produção e homens e mulheres. É uma ação reflexiva (TUCHMAN, 1983; BOURDIEU; WACQUANT, 2005). O Jornalismo atua na construção da realidade, mas é constituído por essa própria realidade. Não existe construção do real se não há uma audiência ativa que interpreta e reinterpreta os fatos (BOURDIEU, 2002).

A teoria construtivista do Jornalismo está intimamente relacionada com a definição de Rodrigo Alsina (2009, p. 185-190) sobre a informação jornalística: “A notícia é uma representação social da realidade cotidiana produzida institucionalmente e que se manifesta na construção de um mundo possível”. Nossa preocupação não é trabalhar o conceito de notícia como Alsina propôs, mas mobilizá-lo para construirmos um esboço de uma teoria do Jornalismo Construtivista.

Rodrigo Alsina (2009) faz referências aos chamados mundos do jornalismo: o real, o de referência e o possível. No nosso entendimento, eles são a base de uma teoria do Jornalismo construtivista que procuramos esboçar. O mundo real é o mundo dos fatos e acontecimentos. O Jornalismo interpreta a realidade social para que as pessoas possam entendê-la, adaptar-se a ela e modificá-la. Tendo como pressuposto que o Jornalismo trabalha com o mundo real, cuja referência é a realidade, no complexo processo de produção da notícia, os jornalistas vão trabalhar uma série de enquadramentos dos acontecimentos, não como soberanos dos fatos jornalísticos, mas como parte de um processo muito maior do que eles, a partir da cultura profissional. É o mundo de referência.

Nesse processo, vão influir uma série de práticas, procedimentos e discursos que estão envolvidos no trabalho diário dos jornalistas a partir da cultura profissional, da



organização do trabalho, dos processos produtivos, dos códigos particulares, da língua e das regras do campo das linguagens que buscam interpretar a realidade social. O trabalho que os profissionais realizam nas suas práticas sociais diárias resulta em construções que, no jargão jornalístico, são chamadas de notícias (VIZEU, 2005). O mundo possível, longe de ser um lugar comum, é um conceito que consideramos básico para o esboço de uma teoria construtivista do Jornalismo:

O mundo possível é o mundo narrativo construído pelo sujeito enunciador a partir dos outros dois mundos citados. Se no mundo “real” era produzida a verificação e no mundo de referência era determinada a verossimilhança, no mundo possível se desenvolve a veracidade (RODRIGO ALSINA, 2009, p. 310).

É nessa perspectiva de uma teoria construtivista do jornalismo que os telejornais contribuem para a construção do mundo mobilizando representações sociais. A teoria das Representações Sociais tem como preocupação central responder por que realmente as pessoas fazem o que fazem? Por que desempenham determinadas ações e não outras? Segundo a teoria por detrás dessas ações, e fundamentando as razões pelas quais as pessoas tomam tais atitudes, está uma representação do mundo que não é apenas racional, cognitiva, mas, muito mais do que isso, é um conjunto amplo de sentidos criados e partilhados socialmente.

Ao final, para procurar compreender como os estereótipos influenciam esse processo, recorremos a Ferrés (1998) sobre os estereótipos como sendo representações sociais, institucionalizadas, reiteradas e reducionistas. Trata-se de representações porque pressupõem uma visão compartilhada que um coletivo possui sobre o outro; reiteradas porque são criadas com base numa repetição e acabam parecendo naturais; a sua finalidade é que não pareçam formas de discurso e sim de realidade. Finalmente, são reducionistas porque transformam uma realidade complexa em algo simples.

2. Construindo mundos possíveis

.....
.....
.....

É dentro deste contexto que Cabral (2012) propõe a Realidade Expandida³ que se apresenta como um dos conceitos da teoria construtivista no telejornalismo diante das novas tecnologias. O conceito se afirma a partir de uma pesquisa realizada no Jornal Hoje da Rede Globo e no RedeTV News da RedeTV! em abril de 2011 sobre as rotinas de edição nos dois telejornais da TV aberta brasileira.

A edição de notícias na TV e a construção de efeitos de realidade na era analógica já criavam certa realidade midiática com base nos fatos do cotidiano a partir dos quadros e movimentos de câmera e, principalmente, depois da invenção do videoteipe e da possibilidade de gravação e de registro das imagens para posterior processo de significação e de produção de sentidos nos telejornais diários. A própria maneira de apresentar as notícias já possui em sua natureza uma forma de racionamento: narração noticiosa é dotação de sentido e o objeto da narrativa são as intenções humanas (FARRÉ, 2004).

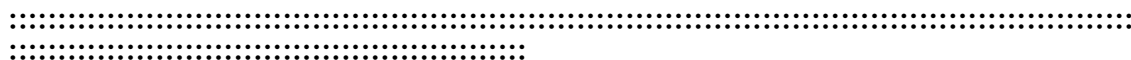
Consideramos que o conceito proposto contribui para a construção de parte da realidade midiática nos telejornais e que o uso da tecnologia digital aumentou consideravelmente o grau de existência dessa realidade no contemporâneo, criando uma Realidade Expandida possível dentro do *deadline* de produção dos telejornais diários, especialmente nos telejornais pesquisados no campo.

Propomos o termo Realidade Expandida inspirados na realidade aumentada da ciência da computação⁴, ainda sem uso no telejornalismo da TV aberta brasileira, considerando seus efeitos proporcionados por uma tecnologia de *interface* com o usuário que combina o ambiente real percebido pelo usuário com elementos virtuais gerados pelo computador em tempo real. A realidade aumentada permite a combinação do mundo real com o mundo virtual, com interações em tempo real e imagens adicionais em três dimensões (MADEIRA, 2006; CARDOSO ET AL, 2007).

A representação imagética da realidade social nos telejornais, por meio de uma imagem gravada, manipulada ou criada no computador, com planos e enquadramentos

³ A discussão sobre Realidade Expandida neste artigo é fruto de minha Tese: “Realidade Expandida: narrativas do digital, edição e produção de sentidos no telejornalismo” concluída em fevereiro de 2012, no PPGCOM da UFPE, orientada pelo professor Alfredo Vizeu.

⁴ Em inglês, usa-se o termo *augmented reality*, numa tradução livre, significa realidade aumentada. Em português o termo é usado também com os sinônimos do verbo: realidade estendida, expandida ou ampliada.



determinados, seria uma espécie de virtualização da realidade. Entendemos que o virtual não se opõe ao real, são formas múltiplas de existência de mundos, pois o real, o virtual e o atual fazem parte da realidade, o que os diferencia é o tempo. O virtual não se opõe ao real, mas ao atual (LÉVY, 1995). O virtual seria então um real a se cumprir, é uma realidade dentro da realidade.

Na definição do conceito de Realidade Expandida entendemos que os editores produzem e adicionam sentidos nas notícias, previamente orientados por uma ideia e/ou intenção de quem quer comunicar algo a um espectador. Dizemos *produção de sentidos* porque se refere ao emissor, ao que os editores produzem em intenção; e é *construção de realidade* porque nos referimos à uma dada realidade que é construída para o receptor. Os editores produzem sentidos que constroem a Realidade Expandida para os receptores, inclusive com a colaboração destes.

A realidade não é apenas um objeto de conhecimento ou de saber, ela é também um “objeto de nossa apreensão de mundo” (JOST, 2010, p. 17). Os editores cujas ações foram observadas no campo produzem sentidos para construir uma Realidade Expandida, acreditando que a percepção do telespectador também será expandida com a ampliação de sua apreensão sobre os fatos cotidianos. É solicitado ao telespectador que apreenda os sentidos e que entenda parte da realidade social tornada midiática e que chama a atenção para o mais visível.

É uma atitude do pensamento que nasce na vontade daquele que fala (o editor) e amadurece no sentimento de compreensão daquele que escuta (o telespectador). A realidade da vida cotidiana, representada, imagetivamente nas notícias, recebe um reforço de artificios que invocam a presença do telespectador. Os jornalistas falam: veja as imagens, veja quanta diferença, repare bem, você pode ver, veja de novo etc.

A definição do conceito de Realidade Expandida se aporta na proposta de Oudart (1971), interpretada por Aumont (1995), sobre dois fenômenos da imagem representativa e da inserção de seu espectador, que são: o *efeito de realidade* e o *efeito do real*, sendo que a analogia entre imagem e real está para o primeiro efeito, assim como a crença do espectador está para o segundo. Como todo artefato social, a imagem funciona em proveito de um hipotético saber do espectador.



O efeito de realidade diz respeito ao efeito produzido no espectador pelo conjunto dos índices de analogia presentes na imagem representativa (quadro, foto ou filme). A ideia é que existe um catálogo de regras representativas codificadas que permitem evocar a percepção da realidade nas imagens representativas. Os códigos reduzem a imprecisão e produzem clarezas. Para interpretar o efeito do real, é necessário entender que, na base de um efeito de realidade, o espectador induz um julgamento de existência sobre as figuras da representação e atribui-lhes um referente no real. Passamos de uma constatação perceptiva para um auto convencimento: “o espectador acredita, não que o que vê é o real propriamente, mas, que o que vê existiu ou pôde existir no real” (AUMONT, 1995, p. 111).

Para construir efeitos de realidade, os editores da era analógica se deparavam com muitas dificuldades quando tinham que fazer uma nova cópia para cortar um trecho do VT, isso durava alguns minutos por causa da linearidade do processo. Por esse motivo, a fita magnética com a matéria reeditada perdia a qualidade e assim se sucedia a cada reedição. O inconveniente era grande e, por isso, não era comum acrescentar uma sonora na edição para aumentar a matéria quando o tempo do telejornal aumentava. A opção mais viável para preencher o tempo extra era acrescentar notas simples no telejornal.

Com a edição não linear digital, o corte ou o acréscimo de sonora ou a troca de imagem é feita em segundos. Qualquer ação que modifique a estrutura da notícia depois dela já editada é feita em bem menos tempo na ilha de edição digital e sem perder a qualidade. Imagem e áudio agora sofrem alterações para melhorar a qualidade técnica.

Com o processamento digital das imagens, o processo de significação foi muito favorecido, pois a imagem passou a ser manipulada como qualquer dado, o que ofereceu maiores possibilidades de se explorar a criatividade e o saber jornalísticos na edição. Ao criarem e utilizarem efeitos de realidade na edição digital, os jornalistas estão construindo uma Realidade Expandida para contar histórias do cotidiano que testemunharam. Eles estão compartilhando a produção de sentidos sociais com os telespectadores com a intenção de ampliar a inteligibilidade e compreensão deles sobre os fatos. O avanço tecnológico não apenas condiciona as mudanças nas rotinas produtivas dos jornalistas, mas também interfere nas características do produto (a notícia) como resultado de um processo mais amplo de produção de sentidos.

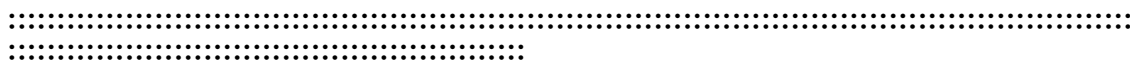
3. As categorias de edição

A noticiabilidade constitutiva da TV faz parte do mundo de referência e é acionada para a construção de mundos possíveis que privilegiam certas visibilidades facilitadas pela edição digital. Para Wolf (1987), a noticiabilidade de um acontecimento se relaciona a 5 critérios:

- a) Critérios substantivos – dizem respeito à importância e ao grau de interesse sobre o acontecimento em si e seus personagens.
- b) Critérios relativos ao produto – dizem respeito à disponibilidade de materiais para produção e características específicas do produto informativo.
- c) Critérios relativos aos meios de informação – dizem respeito à quantidade de tempo usado para a veiculação da informação.
- d) Critérios relativos ao público – referem-se à imagem que o profissional ou o veículo possuem de seus receptores e o modo pelo qual se preocupam em atendê-los.
- e) Categorias relativas à concorrência – os meios de comunicação concorrem entre si e buscam saber, antecipadamente, qual a pauta de seu concorrente.

Gans (1979) acrescenta a qualidade da história como sendo um critério relativo ao produto e que se dividiria em outros 5 fatores: a ação (a notícia é tanto melhor quanto mais ilustra, visualmente, uma ação, um realce de um fato), o ritmo (quando a notícia é desprovida de ação, procura-se torná-la menos aborrecida), o caráter exaustivo de um assunto (fornecimento de vários pontos de vista sobre um determinado acontecimento), a clareza da linguagem jornalística e os *standards* técnicos mínimos.

A inovação tecnológica do digital, que atinge todas as fases de produção da notícia, os novos ciclos que se estabelecem no fazer jornalístico da televisão, a nova relação da produção para a fabricação do tempo presente nas notícias (FRANCISCATO, 2005) e uma maior aproximação entre os receptores e os produtores da notícia em um modelo de jornalismo feito em colaboração com os telespectadores, têm oferecido constantes



oportunidades de reformulação e extensão dos critérios de noticiabilidade apresentados até agora.

Os mediadores públicos coprodutores da notícia (VIZEU; SIQUEIRA, 2009) se apresentam como uma expansão da categorização de Wolf (1987) relativa ao produto e ao público que considera a disponibilidade de materiais para produção e também as características específicas do produto informativo. Ao fornecer imagens de fatos do dia com flagrantes do cotidiano para os jornalistas, os telespectadores passaram a ser considerados como preciosos parceiros colaborativos para a feitura das notícias. Também ajudaram a reforçar o caráter essencialmente imagético das notícias televisivas. As imagens produzidas pelos telespectadores esporadicamente ou as imagens produzidas pelos cinegrafistas diariamente precisam mostrar fatos com valor-notícia.

Embora acreditemos que os jornalistas de TV pretendam falar da realidade e de expandi-la com a edição digital, observamos também que eles a reduzem ao visível, condicionando, muitas vezes, a presença dos acontecimentos nas pautas e nos espelhos agendados nos telejornais à sua capacidade de serem visualizados. Há uma tendência para inserir no noticiário uma quantidade crescente de acontecimentos da agenda de serviços, reforçada pela atualização tecnológica da produção da informação diária. Nossa pesquisa no JH e no News nos assegurou a propriedade de apresentar uma categorização nos processos que constroem uma Realidade Expandida como uma ampliação dos critérios de noticiabilidade já existentes.

A construção de sentidos sociais, o compartilhamento de códigos e crenças entre jornalistas e telespectadores e o efeito de realidade dado pela visibilidade da narração televisiva provocam certezas instantâneas: a notícia é o que mostra, principalmente por meio de imagens, as representações sobre os fatos do cotidiano. A imagem é um elemento crucial para a TV, por isso os jornalistas buscam criar verossimilhança que não alcançariam apenas com os meios de representação objetivos, nem naturais (FARRÉ, 2004).

A manipulação e a simulação jornalísticas designam ações potencializadoras para a produção de sentidos na edição, cujo grau aumentou com a tecnologia digital. Trata-se de uma estratégia, apresentada por Vilches (1989, p. 22) como sendo “uma ampla

.....
.....
.....

categoria de processos que modificam (moldam e transformam) tanto objetos concretos quanto abstratos e alteram a estrutura e o significado de uma informação”.

Com base nesse entendimento e em padrões de edição que constroem a Realidade Expandida no telejornalismo, propomos nossa categorização capaz de comprovar uma noticiabilidade imagética específica da TV, determinada por valores-notícia que dependem da imagem para ganhar sentido e existirem. Os editores manipulam e criam (imagens técnicas) com a intenção de produzir sentidos (imagens mentais) e construir uma Realidade Expandida nas notícias capaz de aumentar o grau de compreensão e de inteligibilidade dos telespectadores sobre os fatos do cotidiano.

A categorização proposta se apresentam em 3 processos de edição: 1) Processo de Manipulação; 2) Processo de Simulação e 3) Processo de Infoimagem. Nas seções seguintes, detalhamos esses processos a partir de uma descrição de matérias e de reflexões lançadas sobre as práticas observadas no campo.

3.1 A produção de sentidos no processo de Manipulação

A produção de sentidos nesse processo de edição acontece com a construção de narrativas noticiosas da TV cobertas por imagens gravadas por um repórter cinematográfico e/ou por um cinegrafista amador-colaborador. As imagens gravadas são manipuladas pelos editores de imagens, sob a encomenda dos editores de texto, para atingir um sentido adicional à montagem seca da notícia, cujo processo passa a apresentar algum tipo de efeito que acrescenta texturas e sentidos visuais capazes de interferir na percepção dos telespectadores sobre espaço, tempo, movimento e/ou sobre várias situações na matéria, despertando neles sensações adicionais.

Os editores usam esse processo como estratégia de edição para tornar as notícias mais verossímeis e compreensíveis, para enfatizar ou detalhar aspectos da matéria e ainda para melhorar a qualidade técnica da imagem, pois quanto mais recursos tecnológicos de manipulação forem utilizados na produção de um produto audiovisual, maior será a possibilidade de tornar crível a representação (FEITOSA; ROSSINI, 2011).



FIGURA 1: A primeira tela mostra imagens do News (VT exibido em 27/04/2011). A segunda tela apresenta imagens do JH (VT exibido em 14/04/2011).

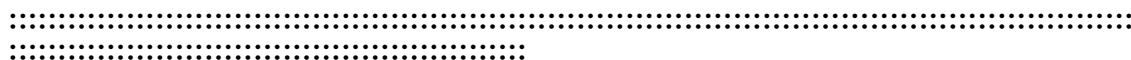
O processo de Manipulação foi observado em uma notícia do News da RedeTV! que usou efeitos de escurecimento/clareamento para destacar um trecho de imagem em uma reportagem sobre pesquisadores que estão criando dentes a partir de células-tronco (primeira tela da Figura 1). O efeito inserido destaca a imagem de um dente criado e usado como molde nas experiências com células tronco e transformado em implante dentário natural.

Uma segunda notícia do JH da Rede Globo usa o mesmo efeito. A notícia suíta⁵ a reportagem sobre os ataques do atirador de Santos-SP que exemplificamos posteriormente no processo de Simulação. A edição manipulou parte da imagem, como mostra a segunda tela da Figura 1, adicionando um círculo que escurece um trecho da ação para melhorar a visibilidade e enfatizar as cenas de maior impacto.

A observação das rotinas de edição das duas notícias apontou duas intencionalidades dos editores: 1) Uma melhoria na qualidade das imagens, tornando-o mais nítida e dando uma maior visibilidade ao que se queria realçar nas notícias e 2) Uma ênfase nas ações pelo destaque de algumas cenas ou aumentando o grau de dramaticidade nas notícias. A imagem só existe para ser vista por alguém, por um espectador histórico definido, e até mesmo a imagem automática, como a das câmeras de vigilância, é produzida de maneira deliberada, calculada, para obter certos efeitos sociais. As imagens foram manipuladas, receberam destaques, tornaram-se mais legíveis, pois quanto melhor for a definição da imagem melhor será o rendimento perceptivo do telespectador (VILCHES, 1989).

3.2 A criação de imagens no processo de Simulação

⁵ Notícia que explora os desdobramentos de um fato que foi notícia em edição anterior. Fonte: http://www1.folha.uol.com.br/folha/circulo/manual_producao_s.htm. Acesso em 19/07/2011.



Essa categoria diz respeito a uma prática corriqueira do telejornalismo atual que cria imagens no computador para cobrir as narrativas noticiosas. A categoria denomina um processo desempenhado por editores de arte no departamento de arte das emissoras na fase de edição da notícia sob a encomenda dos editores de texto para suprir imagens que não foram ou que não podiam ser gravadas sobre os fatos.

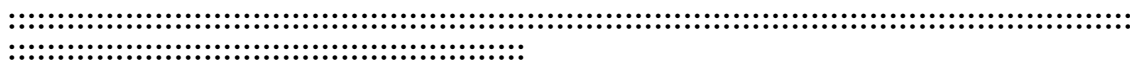
As imagens reconstituem cenas de acontecimentos passados e/ou projetam cenas do futuro. Esse tipo de imagem representa o real por meio da simulação de cenas do cotidiano criadas no computador. Há uma intenção dos editores em representar a coisa em si, de retratar a forma como os fatos se deram, seus espaços e personagens, ou ainda como seriam no futuro para mostrar aos telespectadores, de forma análoga e com graus possíveis de realismo.

Na Simulação resultante desse processo, há uma preocupação dos editores com a semelhança entre a imagem e a realidade, reforçando o aspecto espelho da analogia por redobrar certos elementos da realidade visual e por buscar imitar a imagem especular (AUMONT, 1995). Trata-se de uma necessidade ontológica do jornalismo televisivo de representar o real se aproximando o máximo possível dos fatos, mostrando os acontecimentos com imagens de qualquer origem. A notícia utiliza doses de ficção (a dramatização criada no computador) controlada pelo método jornalístico de investigação resultando na Simulação.



Figura 2: Telas do JH cujas Simulações mostram os locais onde aconteceram e a reconstituição dos ataques em Santos-SP (VT exibido em 11/04/2011).

O Processo de Simulação é representado com base na análise de uma notícia exibida no JH sobre os ataques de um atirador desconhecido na cidade de Santos-SP. A



primeira tela da Figura 2 mostra um mapa animado dos locais dos ataques cobrindo o *off* sempre que a repórter localiza no espaço e no tempo os acontecimentos narrados em sequência cronológica. Após descrever e mostrar os locais da ação, a notícia mostra as imagens de reconstituição dos ataques (segunda tela da Figura 2) quando o atirador atinge as pessoas na rua.

A observação das rotinas de edição dessa matéria nos mostrou quatro intencionalidades dos editores que relacionamos com os elementos do lide: 1) Um *mapeamento* animado que posiciona os locais dos acontecimentos no espaço (onde); 2) Uma *cronometragem* que situa os acontecimentos numa sequência cronológica de tempo (quando); 3) Uma *reconstituição* das ações sucedidas e apresentadas na notícia (o que, quem e como) e 4) Uma *relação* espaço-temporal e situacional entre os locais, os horários, os acontecimentos, os personagens e as ações (onde, quando, o que, quem e como).

As imagens criadas justificam o fato de que o jornal televisivo vive sob a tirania do visual: a televisão considera que o mundo da aparência e do sensível é portador da verdade última e descarta todo princípio explicativo inteligível que não seja imediatamente visualizável (JOST, 2004). As imagens criadas potencializaram o ato comunicativo. A adição dos sentidos se deu pela visualização dos fatos possibilitada pela Simulação das imagens na edição de arte.

3.3 O cruzamento de informações no processo de Infoimagem

Essa categoria refere-se ao processo de edição observado nas notícias televisivas cobertas por imagens criadas no computador que resultam em uma Infoimagem. São *letterings* ou infográficos, entendidos como uma representação visual da informação por meio da utilização de elementos gráficos e do cruzamento deles com mapas, diagramas, textos, fotos e números para dar conta de determinado fato ou assunto (VELHO, 2007; RODRIGUES, 2010). Os infográficos são códigos que compõem a visualidade da televisão e podem acompanhar as imagens gravadas ou até mesmo substituí-las, dependendo do tratamento editorial das notícias. O habitual é a superposição dos elementos gráficos sobre as imagens gravadas, inclusive organizando vários níveis de camadas sobrepostas de informação gráfica (GORDILLO, 2009).

É um produto primordialmente informativo, que visa, sobretudo, facilitar a compreensão das mensagens expostas na estrutura infográfica. Os editores do JH e do News lançaram mão dessa estratégia para atingir objetivos bem variados: 1) simplificar o cruzamento de dados complexos para facilitar o entendimento do telespectador; 2) contextualizar, traduzir e/ou enfatizar dados numéricos ou textuais; 3) personalizar com vinhetas quadros fixos ou reportagens especiais; 4) ilustrar previsões meteorológicas, localizações geográficas, passagem do tempo e relações entre lugares, tempo ou situações e 5) complementar, visualmente, informações narradas.



FIGURA 3: Na primeira tela o Infográfico do JH mostra informações cruzadas e comparações de preços (VT exibido em 16/04/2011). Na segunda tela o Infográfico do News mostra o cruzamento de informações que enfatizam o e complementam o que é dito na matéria (VT exibido em 25/04/2011).

Uma reportagem do JH informa aos telespectadores qual é o ovo de páscoa com o preço mais baixo no mercado. A arte em *display* com imagem de fundo simula uma placa cujos *letterings* fazem comparações e alertam o consumidor ao acrescentar informação visual sobre preços e pesos dos ovos de páscoa que estão sendo comercializados (primeira tela da Figura 3).

O News exibiu uma reportagem sobre o saldo de acidentes e mortes nas estradas brasileiras por causa do feriadão da Semana Santa (segunda tela da Figura 3). A arte em *display* com *letterings* apresenta os números de acidentes nas estradas e mostra comparações entre os registros de acidentes e vítimas da Semana Santa com os números registrados no Carnaval do mesmo ano.

Essas imagens usadas na contemporaneidade acentuam um novo regime de visibilidade televisiva, uma forma de aproximação do repertório imagético do telespectador



que é, cada vez mais, internauta: “é exatamente por estarem vinculadas com um repertório imagético contemporâneo que tais imagens gráficas podem ser produzidas para darem conta daquilo que as lentes das câmeras não alcançam (LEAL; VALLE; FONSECA, 2011, p. 59).

Toda imagem, que ganha corpo em um suporte de representação, coloca em ação conceitos representativos que são próprios daquele suporte ou dispositivo. As Infoimagens apresentam aos telespectadores cenas que não existem no real e que provavelmente não existirão, entretanto, não causam, a priori, nenhum estranhamento, pois o telejornalismo já convencionou o uso de mapas, gráficos e desenhos animados para cobrir suas notícias e acostumou o olhar dos telespectadores para receber essas imagens como uma representação da realidade cotidiana. Para que o telespectador aceite as Infoimagens como parte de seu catálogo de compreensão sobre o mundo dos fatos, não foi necessário manter uma analogia realista entre o representante (a Infoimagem) e o representado (o mundo real). Os telejornais construíram mundos possíveis produzindo sentidos para dotar o telespectador de um repertório informacional que considera as convenções figurativas da contemporaneidade.

4. Considerações finais

Quando afirmamos que os processos de Manipulação, de Simulação e de Infoimagem observados na edição dos telejornais constroem uma Realidade Expandida dando um sentido mais verossímil e inteligível às notícias, estamos convencidos de que a tecnologia digital tem ajudado os jornalistas a manipular e a simular o real nas notícias em condições mais favoráveis e criativas. Eles estão fazendo o que sempre fizeram: representando, construindo e rearrumando o mundo dos fatos em narrativa, mas em melhores condições técnicas e tecnológicas.

A Realidade Expandida nas notícias se manifestou de várias formas e em graus diferenciados. Esses graus dependem de uma série de fatores: a) da capacidade dos editores de texto, de imagem e de arte de produzir efeitos de realidade nas matérias, b) da intenção dos editores em expandir a compreensão dos telespectadores sobre os fatos do

.....
cotidiano e c) da capacidade dos receptores em apreender os fatos sociais considerando seu novo papel de coprodutores das notícias.

Dentro desse contexto, a Realidade Expandida é um conceito importante que vem somar com representações sociais, relações de confiança, lugar de referência e outros que desenvolvemos no sentido de propormos uma teoria construtivista do Jornalismo. Com certeza, ainda estamos no começo da caminhada, tentando avançar e tornar o esboço desta teoria mais consistente. Não é apenas uma atividade do Grupo de Trabalho Jornalismo e Contemporaneidade que vem trabalhando nesta pesquisa há mais de quatro anos. É um projeto aberto. Contamos com a colaboração de todos e consideramos que é preciso buscar outros caminhos, socializando e compartilhando o conhecimento.

Referências

AUMONT, Jacques. **A imagem**. Campinas: Ofício de Arte e Forma, Papyrus Editora, 1995.

BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 12ed. São Paulo; Hucitec, 2006.

BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro : Bertrand Brasil, 2002.

BOURDIEU, P., WACQUANT, L. **Uma invitación a la sociologia reflexiva**. Buenos Aires : Siglo Ventiuno Editores, 2005.

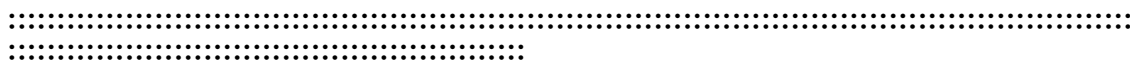
CABRAL, Águeda Miranda. **Realidade Expandida: narrativas do digital, edição e produção de sentidos no telejornalismo**. Tese de doutorado. PPGCOM da UFPE. Recife, 2012.

CARDOSO, A. ; LAMOUNIER JR, E. ; KIRNER, C. ; KELNER, J. Conceitos de Realidade Virtual e Aumentada. In: CARDOSO, A. et al (Org.). **Tecnologias para o Desenvolvimento de Sistemas de Realidade Virtual e Aumentada**. Recife-PE: Ed. Universitária da UFPE, 2007.

FARRÉ, Marcela. **El noticiero como mundo posible: estrategias ficcionales em información audiovisual**. Buenos Aires: La Crujia Ediciones, 2004.

FEITOSA, Sara Alves; ROSSINI, Miriam de Souza. **Modos de fazer crer no audiovisual de reconstituição histórica**. Revista Famecos: mídia, cultura e tecnologia. Televisão, v. 18, n. 1, p. 98-110, Porto Alegre-RS, janeiro/abril 2011.

FERRÉS, Joan. **Televisão Subliminar: socializando através de comunicações despercebidas**. Porto Alegre: Artmed, 1998.



FRANCISCATO, Carlos Eduardo. **A fabricação do presente**: como o jornalismo reformulou a experiência do tempo nas sociedades ocidentais. Aracaju: Editora da UFS, 2005.

GANS, Herbert. **Deciding What's News**: A Study of CBS Evening News, NBC Nightly News, Newsweek and Time. New York, Random House, 1979.

GORDILLO, Inmaculada. **Manual de narrativa televisiva**. Madrid: Editorial Sintesis, 2009.

JOST, François. **Seis lições sobre a televisão**. Porto Alegre: Editora Sulina, 2004.

_____. **Que signifie parler de réalité pour la télévision?** Dossier Télévision et réalité. Télévision, nº 1. Centre d'Étud des images et de sons médiatiques - France, 2010.

LEAL, Bruno. VALLE, Flávio; FONSECA, Bruno. **As imagens gráficas no telejornal e as tensões entre repetição e renovação das narrativas**. Revista Contemporânea: comunicação e cultura, vol.09, n.01, Salvador-BA, maio de 2011.

LÉVY, Pierre. **As tecnologias da inteligência**: o futuro do pensamento na era da informática. São Paulo: Editora 34, 1995.

MADEIRA, Bruno Eduardo. **Calibração robusta de vídeo para realidade aumentada**. Dissertação de Mestrado. Instituto Nacional de Matemática Pura e Aplicada. Rio de Janeiro, 2006.

MEDITSCH, Eduardo. **O conhecimento do jornalismo**. Florianópolis: EDUFSC, 2010.

LOUDART, Jean-Pierre. **L'efet de réel**. Cahier du Cinéma, nº 228, França, mar-abr de 1971.

RODRIGUES, Adriana. **Visualização de dados na construção infográfica**: abordagem sobre um objeto em mutação. XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Caxias do Sul, RS – 2 a 6 de setembro de 2010.

RODRIGO ALSINA, Miguel. **A construção da notícia**. Petrópolis: Vozes, 2009.

TUCHMAN, G. **La producción de la noticia** : estudio sobre la construcción de la realidad. Barcelona : Gili, 1983.

VELHO, Ana Paula Machado. **Jornalismo hipermídia**: desenhando a notícia científica na Web. Tese de Doutorado. PPGCOM e Semiótica da PUC. São Paulo, 2007.

VILCHES, Lorenzo. **Manipulación de la información televisiva**. Barcelona: Paidós, 1989.

VIZEU, Alfredo. **O lado oculto do telejornalismo**. Florianópolis: Editora Calandra, 2005.

_____; SIQUEIRA, Fabiana Cardoso de. **O telejornalismo**: o lugar de referência e a revolução das fontes. In: 7º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo. São Paulo, 2009.

WOLF, Mauro. **Teorias das comunicações de massa**. São Paulo: Martins Fontes, 1987.